

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MÁRCIA CRISTIANE GEREI FERNANDES

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NAS SÉRIES INICIAIS

CAMPINAS
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MÁRCIA CRISTIANE GEREI FERNANDES DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NAS SÉRIES INICIAIS

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
- Programa Espacial de Formação de Professores
em Exercícios nos Municípios da Região
Metropolitana de Campinas, da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de Campinas,
como um dos pré-requisitos para conclusão da
Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS
2006

Cada criança em suas brincadeiras comporta-se como um poeta, enquanto cria seu mundo próprio ou, dizendo melhor, enquanto transpõe os elementos formadores do seu mundo para uma nova ordem, mais agradável e conveniente para ela.

(Bomtempo, E. 1996, p.57)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais,

As minhas filhas Ana, Jéssica e Caroline que incentivaram e tiveram paciência durante nesses anos,

A minha amiga Rosimeire Andrade, pela cumplicidade e companheirismo,

A minha irmã Mirian, que dizia orgulhar-se de mim mas não teve a oportunidade de compartilhar a alegria de me ver concluir o curso,

Ao curso PROESF que oportunizou atingir meus objetivos,

Aos professores do curso que foram pacientes e perseverantes.

Dedico este trabalho a “Deus” por quem todos os momentos estava me abençoando com sabedoria e abrindo portas para a realização do trabalho.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	07
2. Desafio na Escrita do memorial de formação.....	09
2.1 Memórias de minha infância.....	11
2.2 Docência.....	13
3. Reflexões sobre Jogos e Brincadeiras.....	14
3.1 O caminho da pesquisa.....	16
3.2 Jogo e Brincadeira no espaço escolar.....	21
3.3 Espaço físico e as Brincadeiras.....	24
4. Considerações Finais.....	27
5. Referências Bibliográficas.....	28

1-Apresentação

Proponho-me, nesse memorial, abordar a importância dos jogos e brincadeiras na primeira etapa do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série), visando ressaltar as atividades lúdicas no processo de ensino e de aprendizagem; sua importância para o desenvolvimento da criança; buscarei retratar o quanto ampliei meus conhecimentos sobre o tema após os dois anos e meio de PROESF, e, o quanto fortaleci para tomar decisões coerentes à prática pedagógica, fui capaz de mudar e mais, passei a buscar enriquecer meus conhecimentos com as teorias proporcionadas pelo PROESF, verifiquei que através de atividades prazerosas e incentivadoras a criança constrói seu conhecimento, utilizando como recursos na prática, jogos e brincadeiras desenvolvidas na sala.

“Se a criança está imersa, desde o nascimento, em um contexto social que a identifica enquanto ser histórico e que por esta ser modificado é importante superar as teses biológicas e etiológicas da brincadeira que idealizam a criança e suas possibilidades educacionais. A criança desenvolve-se pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sócio-cultural dos adultos. Gisela Wajshop – Brincar na pré-escola – pg 25, 2005”.

De acordo com Gisela Wajshop

a definição de brincadeira levou-me a acreditar de que brincadeiras se faz papel importante na escolarização da criança. As brincadeiras de modo geral fazem parte do repertório de todas as espécies, independente dos ambientes e cultura.

Deixo clara a importância e como foi boa a proposta do curso “PROESF” em memorizar. Um ponto interessante suscitado no memorial, foi às brincadeiras que desenvolvíamos quando criança, e, o quanto envolvíamos, socializávamos e aprendíamos.

Assim utilizo os teóricos propostos do curso PROESF, fazendo um paralelo com minhas memórias, registros e observações realizadas na prática pedagógica para desenvolver o memorial.

2-Desafio na escrita do Memorial de Formação

Hesitei em iniciar a escrita do Memorial de Formação, por questionar Como Fazer? O que escrever? O que realmente é importante conter? Após essas perguntas e muito refletir conclui que me faria bem.

*“Quando registro, me busco
quando me busco, registro.
E monto assim minha história
História nascida e escrita
com dificuldade,
quando se foi educada,
ouvindo uma outra história,
história do silêncio,
da não-expressão,
do não-conflito,
por esta razão,
repensar,
refletir,
registrar,
é também RE-AGIR.
Contra essa história irreal,
contra a mornidão,
contra o sono.
É agir pelo meu sonho
que é pensar e
transformar a
Realidade.”*

Lucinha, Grupo de Formação, 1984 p.43

A tarefa de lembrar seria gratificante, historiar a própria prática, a vida, remexer em coisas sérias. Seria a oportunidade de avaliar se as mudanças foram realmente qualitativas, mudanças proporcionadas pelo tempo, mudanças ocasionadas pela trajetória cujo repertório conteve conquistas, ganhos e perdas, amadurecimento proporcionado pelas experiências, resultando em mudança de postura e olhar.

Ideais alcançados como, a constituição familiar, a opção pelo magistério e um dos maiores desafios almejados, cursar Pedagogia. Aqui, nesse memorial relatarei o processo de construção e desconstrução que tem permeado minha trajetória e o quanto o PROESF contribuiu nesse processo. Processo esse de mudanças, envolvimento e aprimoramento nas questões políticas pedagógicas.

As circunstâncias se matizam, se renovam, se transformam. E junto com elas na dialética de existir, o próprio eu se matiza, se renova e se transforma na busca incessante da atualização, no desejo de chegar a ser cada vez mais o que se é. (Mashow, 1975 p.65).

3-Memórias de Minha Infância

Lembro-me do lugar em que vivi um período importante de minha infância, ao lado de pessoas que tanto amo; pais e irmãos.

Nesse contexto social, fui educada, recordo-me das brincadeiras que criávamos e envolvíamos. De como explorávamos o quintal, subindo nas árvores frutíferas e dessas colhíamos os frutos que seriam servidos como refeição nas brincadeiras de casinha.

Objetos encontrados nos quintais seriam fundamentais para criar e projetar nossas brincadeiras. Não tínhamos brinquedos prontos e acabados (industrializados) transformávamos tijolos em fogão, sabugo em bonecas, legumes em animais, etc. Me orgulho, pois trago em minha memória os momentos eternizados de uma vida encantadoramente simples, mas bem vivida. Meus pais oportunizaram o brincar de forma prazerosa, respeitando nossa infância como direito de criança, enquanto podiam participar de nossas brincadeiras.

“Brinquedos e utensílios específicos são “luxos” de que não dispõem, a não ser com raras exceções quando, geralmente, são de segunda mão. Enquanto as crianças burguesas tem acesso aos bens materiais da infância, nas camadas populares tudo se passa como nos séculos anteriores as crianças tornam-se adultos mais cedo. Seus lugares e instrumentos de aprendizagem são outros: a rua, a oficina e a fábrica. A aprendizagem do mundo adulto e seus costumes é mais precoce; uma vez que na esfera doméstica e no mundo público eles não vivenciam a separação de espaços” (Nascimento, op.cit, p 115).

Ao rememorar fui capaz de preservar ao longo dos anos, imagens do meu processo educacional, desde o jardim da infância até a opção pelo magistério. Creio que as memórias relacionadas ao ingresso escolar (jardim da infância, como era chamado) tendem a persistir por muito tempo, pois, como foi visto no texto “Em busca do velho cheiro”, leitura proposta pela A.P. Marilac, no curso PROESF preservo não só as memórias (cognitivas) vividas, mas também sentidas aquelas gravadas pelos ouvidos e me faz lembrar e me faz recordar das histórias no tom de voz doce de minha professora “D. Cota”, das cantigas de roda, etc... memórias de precedência do olfato, tato e paladar que traz o cheiro do sabonete que lavávamos as mãos antes da merenda, arroz doce e muito mais, finalmente a memória visual que armazenada no banco de dados da retina traz através dos registros, situações, falas e experiências que me envolvem, ao reler, afloram sentimentos a muito guardados, quando dou por mim, me pego sorrindo, chorando, volto no tempo e analiso o momento e entendo o porque da proposta do PROESF em rememorar, pois é uma oportunidade única de saber mais sobre mim mesma; professora, mãe e mulher.

História é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias. As memórias estão centradas as causas e caminhos que nos levaram a optar pelas escolhas e onde queremos chegar. Será memorizando que entenderemos o porque de sustentar essa opção (escolha) de ser professor.

4-Docência

Me fiz professora quando respondi a tal questionamento . O porque de ser professor, em um país cuja condições de trabalho são: de salas superlotadas, prédios precários, falta de materiais, e outros. Sendo esses motivos e outros suficientes para desestimular-me. Respondi com convicção de ter feito a melhor escolha, pois, no percurso alimentei meus sonhos e sustentei essa escolha, tive consciência do desafio diário, da necessidade da constante motivação, para que tudo o que transmitisse em sala de aula fosse envolvente e recíproco.

Sou professora de escola pública, gratuita e laica, enfrentamos problemas, pois estamos inseridos em uma sociedade capitalista, com recursos centralizados para a minoria (classe dominante), cujo reflexo é a desvalorização da escola pública e a negação do direito de todos a esse bem.

Acredito ser necessário que se pense coletivamente no que se refere a qualidade de ensino, possíveis soluções, tendo em vista a importância e relevância social da escola pública para o povo brasileiro.

Estou aqui por ser professor, por me sentir professor, por respeitar e valorizar os direitos da criança e adolescente, por acreditar que escola é lugar que se erra, mas também se acerta muito e que o chão da escola pública hoje é palco de uma luta de resistência, resistência a pressões cotidianas, resistência à burocracia, a violência social por qual vivem nossos alunos, a insensatez das políticas públicas voltada para a educação. Mas..., sou capaz de continuar resistindo, ser humilde, e mudar minha postura quando necessário, auto-avaliar para não cometer os mesmos erros e acreditar que melhorias vão acontecer e será refletido positivamente no exercício pleno da docência.

5- Porque o tema jogos e brincadeiras nas séries iniciais?

Acredito nas potencialidades e capacidades de cada criança de ordem:

-Física, afetiva, cognitiva, ética, estética e de relações interpessoal e social da criança. Não se esquecendo de suas individualidades, conflitos e meio em que estão inseridas. A criança cria, explora e manifesta suas emoções através de varias linguagens culturais. Levando-nos a refletir que seu direito à “infância” deve ser respeitado.

Acreditando nos princípios citados acima e nas observações em sala de aula, onde a criança surpreende na interação com o objeto, sua criatividade e espontaneidade eram reflexas de satisfação, ficou claro que nos jogos e brincadeiras a criança representa papéis, reconstruindo a realidade, vivências, sentimentos, comportamento e são nesses que se fazem representação do mundo exterior. Assim o jogo ou brinquedo constituiu uma dimensão social e não apenas uma dimensão intelectual.

“No brinquedo espontaneamente, a criança usa sua capacidade de separar significado do objeto sem saber o que está fazendo, da mesma forma que ela não sabe estar falando em prosa e, no entanto fala, sem prestar atenção as palavras. Dessa forma através do brinquedo a criança atinge uma definição funcional de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto.”

Vigostsky, (L.S_1994 p. 121).

Os jogos e brincadeiras são de grande contribuição para o processo de ensino e aprendizagem. Sem perder o caráter lúdico que deve estar presente no cotidiano de cada criança por ser um direito e um sinal de respeito a infância. Todo o aprendizado que o

brincar permite é fundamental para a formação da criança em todas as suas etapas de desenvolvimento.

Acredito nas potencialidades e capacidades de cada criança de ordem física, afetiva, e cognitiva como coloca Kishimoto.

“As atividades de jogos e brincadeiras propiciam a criança de situações imaginárias que permite à criança ir além do real, o que colabora para o seu desenvolvimento. No jogo, a criança não é mais do que é na realidade, permitindo-lhe aproveitamento de todo o seu potencial. Nele a criança toma iniciativa, planeja, exercita e avalia. Enfim, ela aprende a tomar decisões , a introjetar seu contexto social na temática do faz-de-conta . Ela aprende e se desenvolve” (1993,p.32)

Posso afirmar que o interesse pelo tema “A importância dos jogos e brincadeiras nas séries iniciais” é fruto da problemática de minha experiência profissional, de registros em sala da prática docente e atividades desenvolvidas pelas crianças, e o quanto as brincadeiras foram importantes na minha infância, fortaleci o interesse pelo tema após estudos proporcionados pelo curso PROESF.

6-CONSIDERAÇÕES SOBRE O JOGO E A BRINCADEIRA E O CAMINHO DA PESQUISA

Brincar é uma atividade fundamental da criança, ela brinca na rua, no quintal, na escola; através da brincadeira a criança fala, pensa, elabora sentidos para o mundo. Pela brincadeira, objetos são transformados, as relações sociais em que a criança está inserida, são (re) elaboradas, revividas e compreendidas.

Na idade pré-escolar, a brincadeira de faz-de-conta é a principal atividade da criança, já na idade escolar, os jogos com regras e os esportes tornam-se mais importantes. Estes têm papel específico no desenvolvimento.

A instrução nas séries iniciais, culturalmente valorizadas, desde a escola primária tradicional, ocupará papel central no desenvolvimento da criança, principalmente no aspecto cognitivo, deixando por vezes em planos inferiores os processos de socialização e a motricidade.

Com o passar do tempo, a concepção de educação/instrução vai se constituindo sob novos contornos, isto é, novos modelos educacionais e pedagógicos são implantados na escola e na sala de aula, principalmente a partir do escolanovismo¹, aos dias atuais com a pedagogia crítica, dando lugar então a outros aspectos, como a afetividade e a ludicidade como conceito que mediante os jogos e brincadeiras, contribuiram para despertar um novo olhar para com a aprendizagem da criança em idade escolar.

O curso PROESF, proporcionou-me o despertar desse novo olhar, aprofundando-me nas leituras sobre a infância, seus sentimentos e o tempo que cada criança para se desenvolver, concluí que nos jogos e brincadeiras a criança representa papéis reconstruindo a realidade, vivência sentimentos, comportamentos e faz representações do mundo exterior. Assim o jogo ou brinquedo constitui uma situação social e não apenas uma dimensão intelectual.

Ao observar seus comportamentos, quando propunha jogos a criança inicialmente não se obedecia às regras com satisfação e sabemos que não é algo muito comum, mas por meio do jogo, tornou-se possível.

Kishimoto, afirma que definir o jogo não é tarefa fácil, embora recebam várias denominações, como: jogo de amarelinha, adivinhas, xadrez, etc, possuem características

diferentes, por exemplo, no faz de conta, há forte presença da situação imaginária enquanto que em jogos de regras, o jogo de xadrez, as regras são padronizadas e permitem a movimentação das peças. (Kishimoto, 2003, p.17)

Uma mesma conduta pode ser jogo ou não jogo em diferença culturas, dependendo do significado a ela atribuído. Por exemplo: atirar com o arco e flecha para uns é jogo, para outros é preparo profissional, sendo assim fica difícil dar ao jogo uma definição, como vimos cada um possui sua especificidade.

Autora ressalta também que há uma diferença entre jogo e brinquedo sendo que o brinquedo é utilizado e manipulado de várias formas sem que haja a necessidade de regras, já o jogo necessita de um sistema de regras e objetos que o caracterizam.

Uma boneca permite à criança várias formas de brincadeiras, desde a manipulação até a realização de brincadeiras como “mamãe e filhinha”. O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Ao contrário, jogos, como xadrez e jogos de construção exigem, de modo explícito ou implícito, o desempenho de certas habilidades definidas por uma estrutura preexistente no próprio objeto e regras. (KISHIMOTO, 2003, p.18)

Nós professores, perante a proposta pedagógica do lúdico, criaremos situações-problema para serem resolvidas pelos jogadores (crianças), limitamo-nos a orientar e estimular.

Existem três formas básicas de atividade lúdica que caracterizam a evolução do jogo na criança, de acordo, com a fase do desenvolvimento em que aparecem, mas é preciso salientar, podem coexistir de forma paralela adulto.

São eles: **jogos de exercícios, jogos simbólicos e jogos de regras.**

A atividade lúdica surge, primeiramente sob a forma de simples exercícios motores, sua finalidade é tão somente o próprio fazer do funcionamento, esses exercícios motores consistem na repetição de gestos e movimentos simples, eles constituem a forma inicial do jogo na criança.

O jogo simbólico, de imaginação ou imitação, tem como função assimilar a realidade, e é também um meio de auto-expressão, pois à medida que a criança brinca de casinha, por exemplo, imita situações reais por ela vivenciadas.

A terceira forma de atividade lúdica a surgir é o jogo de regras, que começa a se manifestar por volta dos cinco anos, mas se desenvolve na fase que vai dos 7 aos 12 anos, predominando durante toda a vida do indivíduo.

Através dos jogos de regras, a criança cria condições de superar as próprias limitações, vista que a repetição provoca a segurança de que aprendeu o exercício, logo depois passa a explorar novo exercício até conseguir domina-lo e novamente sua capacidade.

Os jogos como “faz-de-conta” abrem espaço, progressivamente, para os jogos com regras. Os jogos com regras são, por isso, atividades do ser socializado, sendo muito difícil para uma criança de três ou quatro anos participar de um delas.

Segundo Friedmann (1996) dos sete aos doze anos, surgem os jogos de regras, que supõem relações sociais. A regra é uma regularidade imposta pelo grupo e viola-la representa uma falta. As regras podem ser transmitidas de uma geração a outra, ou de forma espontânea, a partir de um contrato momentâneo definido pelas crianças de diferentes faixas etárias ou ainda entre as relações com mais velhos.

Na Antigüidade, por exemplo, o brincar era uma atividade tanto da criança quanto do adulto, representando para ambos uma continuidade da vida, dos costumes, da cultura, da religião e da educação.

¹Movimento surgido séc.XIX, visando uma educação que pudesse integrar o indivíduo na sociedade e ao mesmo tempo, ampliar o acesso de todas à escola. Este movimento opunha-se às práticas pedagógicas tidas como tradicionais.

Desde aquela época o jogo tem um sentido social, muitas vezes vinculado o aspecto religioso, tendo a simulação lúdica como forma de expressão cultural. Os jogos poderiam destacar-se no teatro, na mímica, na dança eram efetuados geralmente por escravos que eram assistidos por expectadores.

Para os gregos, romanos e astecas o jogo era tido como um espetáculo, um ato oferecido aos deuses como presente. Com o surgimento do cristianismo o jogo passa a ter uma conotação repressiva e controladora, pois tudo era considerado como pecado empobrecendo os ideais do jogo e do brinquedo.

Durante a Idade Média o jogo foi considerado “não sério” por sua associação ao jogo do azar, bastante divulgado na época. (...) O Renascimento vê a brincadeira como uma conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo. (KISHIMOTO, 2003, p.28).

No século XVIII, Rousseau e Pestalozzi argumentavam sobre a importância dos jogos como instrumento informativo, os sentidos e as aptidões, preparando para a vida e as relações sociais. Já Froebel pregava a pedagogia da ação, ele afirmava que a criança para se desenvolver, deveria agir e produzir levando em conta seus interesses.

Alguns dos grandes educadores do passado já reconheciam o valor pedagógico do jogo e tentavam aproveitá-lo como agente educativo... O jogo é, nas mãos do educador

um excelente meio de formar a criança.(RIZZI, 1987, P.15)

A brincadeira era o fenômeno social do qual todos participavam e foi só a partir do início do século XIX que ela perdeu seus vínculos comunitários, período em que a sociedade de certa forma foi perdendo um pouco da sua cultura social; tornando-se, a brincadeira cada vez mais individualista.

As crianças participavam das festividades, do lazer e dos jogos junto com os adultos, mas tinham, ao mesmo tempo, uma esfera separada de jogos. Os jogos aconteciam em praça pública, espaços livres, sem a supervisão de um adulto, em grupos de crianças em diferentes idades e sexo. (FRIEDMANN, 1996, p.28).

Em tempos atuais os estudiosos sobre o assunto tentam equilibrar jogo e educação, para que o contexto formativo não seja superado pelo lúdico, sem que este último (lúdico) perca suas características de liberdade, prazer e diversão.

Segundo Marcelino (2003), o lúdico vem sendo negado pela escola e pela sociedade cada vez mais precocemente e a perda dessa cultura se deve principalmente pelo crescimento da industrialização.

Conseqüentemente houve um processo de abandono das brincadeiras pelo adulto que, por mera falta de tempo ou de espaços lúdicos (apartamentos, ruas movimentadas, etc), substitui o ato de brincar, dos adultos ou entre as crianças, por atividades como assistir TV, computadores ou videogames. Todo este assédio da mídia em nossas casas tornou-se um ‘perigo à democracia’, no que diz respeito a que tipo de cidadão, quer conscientizar em nossos dias.

A sociedade passou por transformações, entre elas a cultura infantil. Nos dias atuais nos deparamos com uma infância singularizada, com ênfase em recursos tecnológicos, mídia, consumismo que restringem e furtam o brincar infantil.

Acreditando que a educação seja um dos caminhos mais seguro para uma transformação efetiva tem a necessidade de discutir e retomar uma questão muito importante “jogos e brincadeiras como recurso no espaço escolar.”

7- JOGO E BRINCADEIRA NO ESPAÇO ESCOLAR

Discutiremos a seguir como o jogo e a brincadeira, podem ser retomados no espaço escolar e utilizado no processo de ensino e de aprendizagem, no sentido de que a criança aprende brincando e também, quem sabe ser um indício de que a criança “leve” consigo, para o seu lar e espaços comunitários, a idéia do brincar/jogar para que o lúdico se internalize na comunidade na qual a criança – aluno se insere.

Para que a escola possa contribuir para recuperar e conviver com o lúdico, é necessário, antes de tudo que se saiba quem está educando. É preciso considerar que não existe uma criança, mas várias crianças, com repertórios variados, entre outros fatores, pelo tipo de aquisições verificadas na vivência, ou na não-vivência do lúdico. Não existe, assim, apenas uma cultura da criança, mas várias cultura da criança. E a não consideração desses aspectos contribui para a difusão e sedimentação de conceitos abstratos da criança, fundamentando a ação educativa, o que é um elemento dificultador da educação que, não entende a criança na sua concretude, pode reforçar a situação vigente no plano social, ao invés de contribuir para mudanças.

(MARCELLINO,2003,p.78).

O aprendizado escolar que se caracteriza apenas por conteúdos, na maioria das vezes não faz sentido para a criança, como, por exemplo, ensinar a tabuada, obrigando-a a decorar de frente para trás e vice-versa, mas sem explicar o porquê ela é tão importante para nossas vidas; para a criança isso acaba sendo irritante e até mesmo desestimulador, já

que ela irá ficar horas sentadas, olhando para o quadro negro, repetindo várias vezes os mesmos números.

E através das brincadeiras que as formas de comportamento são experimentadas e socializadas na interação da criança com o adulto, e a criança com seus pares. No convívio com a família e junto à comunidade a criança troca experiências e vai interiorizando os valores e costumes daquele grupo.

As escolas de Ensino Fundamental podem incluir em seu currículo, os jogos e as brincadeiras nas disciplinas, como uma forma de tornar significativo o aprendizado, ou seja, utiliza-los como ferramentas para aprofundar o conhecimento da realidade, tornando-a mais significativa.

O brinquedo ajuda a criança a descobrir-se como ser único e que merece atenção. O brinquedo também “participa” de seus momentos mais dolorosos. Serve como catalisador de um sentimento de raiva, frustração ou perda. Os sentimentos negativos não são bem compreendidos pelas crianças, exceto quando brincam, pois nesse momento, na brincadeira não precisam sentir-se culpadas pelo medo ou raiva que guardam consigo.

A riqueza do brinquedo decorre de sua capacidade de instigar a imaginação infantil. E não, como muitos acreditam, da possibilidade de imitação de gestos, informações, atitudes e crenças vinculadas na situação de brinquedo. (OLIVEIRA, 1984, p.67).

O brinquedo ajuda a criança a elaborar papéis que terá de exercer no futuro, é uma “invasão” ao mundo dos adultos, mas com aspecto desinteressado que só a imaginação pode oferecer. O brinquedo é um instrumento que lhe possibilita a expressão criativa de seus sentimentos em relação ao mundo que a rodeia e que ainda não o compreende.

As brincadeiras imaginativas, ou seja, o faz-de-conta, ou mesmo as que contém regras, acionam o pensamento da criança para a resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. Estes poderiam ser mais difíceis de resolver se ela não

estivesse inserida em contextos e /ou objetivos que simbolizassem a situação que está vivendo no momento, através destas brincadeiras.

Em cada brinquedo sempre se esconde uma relação educativa. Ao fazer seu próprio brinquedo, a criança aprende a trabalhar e a transformar elementos fornecidos pela natureza ou materiais já elaborados, constituindo um novo objeto, seu instrumento para brincar. Outras vezes, ela se aproveita de artigos nem de longe concebidos como brinquedo, adaptando-se às suas necessidades e experiências lúdicas.

(OLIVEIRA, 1984 p.48).

Na escola, é o adulto na figura do professor que ajuda a estruturar o campo das brincadeiras, sendo assim durante toda a vida escolar da criança, ele poderá ser mediador do conhecimento do currículo escolar.

Brincar é, sem dúvida, uma forma de aprender, mas é muito mais que isso, é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, transforma-se. Na escola, a despeito dos objetivos do professor, a brincadeira não envolve apenas a atividade cognitiva da criança, envolve a criança como um todo, quando perde essa dimensão lúdica, a brincadeira esvazia-se, a criança explora o material rapidamente, esgotando, e isso se dá quando, em vez de aprender brincando, a criança é levada a usar o brinquedo para aprender. Infelizmente parece que os jogos e brincadeiras só têm lugar na prática pedagógica quando auxiliam na elaboração e construção de conhecimentos sistematizados, pela criança. Porém, é preciso que o repensemos como uma atividade que ajude a criança a aprender brincando, e não o contrário!

8-Espaço Físico Escolar e as Brincadeiras

No decorrer do curso vimos que legislações são criadas sobre a obrigatoriedade escolar, a duração dos estudos e organização escolar, a escola primária torna-se gratuita, mudanças são estendidas por toda a cultura escolar, na estrutura física, nos horários e corpo docente. Como vemos o slogan que repercute em propagandas publicitárias e mídia não mudou e perdura por décadas e mais décadas, demagógicamente “Escola gratuita, de qualidade para todos”, questionamos, que todos? Quais os referenciais de qualidade? E o espaço físico é adequado?

Nascimento (2001), em seu estudo sobre a França, aponta que a relevância da escola passa em meados do século XIX a ser demonstrada no fato de leis serem criadas entre elas, (...) “*As escolas maternas passam a ser objeto de atenção enquanto espaço pedagógico da criança pequena*”. (Nascimento, 2001, p.126). Outras leis criadas neste período incidiam ainda sobre outros aspectos que se constituíram na cultura escolar da época, como por exemplo, a norma específica para os prédios escolares.

Assim, a estrutura física da escola passa a ser pensada a partir das necessidades específicas das crianças, a Arquitetura escolar passa a ser um objeto de atenção por parte dos que pensavam a educação.

Segundo Nascimento

“No final do século (XIX), (na França), as edificações escolares estão bem definidas no que diz respeito ao tamanho, localização e configuração, sendo concebidas para melhor resistir às intempéries. Quanto mais nos aproximamos do século XX, mais as escolas estão localizados em prédios construídos próximos do local de moradia dos trabalhadores a fim de facilitar o deslocamento de casa para a escola. De forma geral serão amplas construções com um vestíbulo de

estrada, seguido de corredor por onde se distribuem salas que acolhem separadamente meninos e meninas, altas janelas os separando do mundo exterior. Quase sempre seus limites são estabelecidos por muros que demarcam sua especificidade de instruir e dispensar uma moral.(p.134-135)

Nas séries iniciais do ensino fundamental (1^a à 4^a), a criança fica enclausurada em salas durante cinco horas diárias. Portanto os espaços reservados para jogos e as brincadeiras também muito importantes dentro da instituição educacional.

Defendo neste memorial de formação a necessidade do brinquedo, brincadeira e jogos nas séries iniciais. Verifiquei que as crianças independentes de classe social, credo, meio e cultura, quando inseridas em ambiente favorável, sentem-se livres, espontâneos mergulham nos jogos e brincadeiras, utilizando esses recursos como instrumentos para a construção do conhecimento, permitindo que lidem com as emoções equilibrando as tensões provenientes de seu mundo cultural. Ressalto então a necessidade de adequar as salas, reorganizando o espaço físico, espaços esses reservados para os jogos e brincadeiras dentro da instituição educacional, não limitando somente para as aulas de Educação Física.

Propomos, no início do ano letivo (2006), a construção da proposta curricular tendo como diretriz e ponto de partida a diversidade entre os alunos, observando criteriosamente nossos alunos, claro que a constatação seria que, haveria mais diferenças do que semelhança (ainda bem que a constatação foi essa). Certificamos que, ao invés de tentar reduzir as diferenças, aproveitaríamos para socializar as diferenças culturais, promovendo trocas e aprendizagem efetivas. Utilizando a diversidade cultural que a classe oferecia e uma situação que ocorreu entre duas crianças, cuja discussão era sobre brincadeiras, conhecida por eles com nomes diferentes por serem de naturalidades também diferentes. Socializamos a problemática, organizamos para que todos pudessem participar, então percebi que realmente as diferenças podem ser bem trabalhadas, quando, desenvolvida com respeito, responsabilidade e consciência.

A escola faz parte de nossas vidas; é nela que vivemos uma parte dela, porém, as instituições às vezes, deixam marcas profundas, como relacionamentos amargos, medo e insegurança que comprometem futuros relacionamentos e modos diferentes de pensarmos e agirmos.

As instituições educacionais precisam ver o aluno como “parte de seu projeto político educacional”, como um ser cidadão em desenvolvimento, presente e aprendiz de conhecimentos e não um ser inferior, destinado exclusivamente a receber informações e um dia quem sabe tornar-se (vir a ser) um cidadão.

É possível dentro dessas instituições, construir relacionamentos humanos integrados e duradouros, que propiciam o enriquecimento mútuo entre professores e alunos.

Considerações Finais

Posso constatar que o brincar precisa ser cada vez mais pesquisada e estudada, principalmente a respeito da importância e contribuição desta ação na educação escolar.

Para que o aluno se torne um ser criativo, descobridor, inventivo e sensível é necessário que a escola o perceba como ser integral; as pessoas que na escola trabalham devem reconhecer as diferenças existentes entre as crianças, considerando seus valores e as experiências que ela já tem, deste modo a educação privilegia o contexto sócio e histórico-cultural mais amplo dos educandos e da própria escola.

O novo deve ser respeitado, mas o antigo deve ser lembrado, pois recuperar jogos do passado, aqueles cujos nossos pais e avós um dia se apropriaram, é muito importante para o conhecimento e a preservação da nossa cultura, folclore e historicidade humana. Esses jogos tradicionais dão prazer às crianças e são partes da cultura lúdica infantil que um dia “pertenceu” aos nossos ancestrais.

Hoje na sociedade contemporânea, capitalista e globalizada os jogos e as brincadeiras tradicionais sofrem um abandono, por parte das famílias, da escola, pela falta de espaços livres, pelo surgimento das fábricas de brinquedos e da mídia que não mais possuem o mesmo interesse que antes, onde as pessoas representavam uma continuidade da vida e dos seus costumes.

Logo, a escola surge como um espaço de possível resgate e modificação desta situação emergente, já que nós professores comprometidos com a educação buscamos a importância e as contribuições deste recurso (jogos e brincadeiras), no desenvolvimento físico, afetivo e social da criança, utilizando-os na sala de aula de forma pedagógica ou nos momentos livres do pátio ou recreio, para que a criança aprenda brincando os diferentes conhecimentos que compõem o currículo escolar.

BIBLIOGRAFIA

BOMTEMPO, E. A brincadeira do faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In Tikuso M. kishimoto (org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo, Cortez editora, 1996.

FREIRE, Madalena. Observação, Registro, Reflexões – Instrumentos Metodológicos. 1984 p.43.

FRIEDMANN, A. O direito de brincar: a brincadeira. A evolução do brincar. 3ª ed. São Paulo: SCRITTA; ABRINQ, 1996.

KISHIMOTO, T.M. (org) O jogo e a educação infantil. In: JOGO, Brinquedo, brincadeira e a educação – 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KISHIMOTO, T.M. Jogos infantis: O Jogo, a Criança e a Educação – 6ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MARCELINO, N.C. Pedagogia da Animação. Campinas, Papyrus, 2003.

OLIVEIRA, P.S. O que é brinquedo?. V. 138, São Paulo, Brasiliense, 1984.

RIZZI, L. Atividades lúdicas na educação da criança. São Paulo, Ática, 1987.

WAJSKOP, Gisela – Brincar na pré-escola – p.25, 2005.